


CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



Espiritualidade e Mística Cristã: Reflexão sobre a experiência com Deus e a práxis cristã.

Andreia Serrato^[a] José Carlos de Oliveira 

Curitiba, PR, Brasil

PUC-PR, Teologia, sistemática

Como citar: SERRATO, Andreia; OLIVEIRA, José Carlos. Espiritualidade e Mística Cristã: Reflexão sobre a experiência com Deus e a práxis cristã.. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 10, n. 01, p.55-65, jan./jun, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.10.01.p55-65>

Resumo

A sociedade contemporânea é marcada pela perda do sentido transcendental, pela positividade exacerbada que conduz ao esgotamento e pela fluidez das relações, características de um mundo cada vez mais materialista, tecnicista e fragmentado. Esses traços geram impactos profundos na subjetividade humana, especialmente no Ocidente, onde a vida tende a se esvaziar de significado duradouro. Nesse contexto, a espiritualidade cristã apresenta-se como um caminho possível para resgatar a integralidade do ser humano e conferir sentido à existência, articulando o enraizamento na realidade com a abertura ao Mistério. O presente artigo tem como objetivo demonstrar a relevância da mística e da espiritualidade cristã na contemporaneidade, a partir da análise das consequências dessa perda em três âmbitos fundamentais da vida eclesial e social: o pastoral, o educacional e o laical. A metodologia adotada é qualitativa baseada em revisão sistemática de literatura e análise crítica. Foram selecionadas obras teológicas e documentos do magistério eclesial com foco na espiritualidade cristã, em especial os escritos de Clodovis Boff, Johann Baptist Metz e o magistério da Igreja, sobretudo a exortação *Evangelii Gaudium*, integrada como chave hermenêutica. Os resultados apontam para a urgência de uma espiritualidade viva, enraizada na experiência com Deus, capaz de evitar a auto referencialidade eclesial e sustentar uma práxis transformadora. A espiritualidade cristã é fundamento da missão e antídoto contra o esvaziamento de uma potência transformadora. Conclui-se que refletir sobre a espiritualidade cristã, a partir de uma teologia enraizada na experiência, é fundamental para que a Igreja e os fiéis possam continuar iluminando o mundo com os valores do Evangelho, construindo caminhos de justiça, compaixão e esperança.

Palavras-chave: Espiritualidade. Mística. Cristianismo. Práxis.

^[a] Título do autor, e-mail: email@email.com

Abstract

Contemporary society is marked by the loss of transcendental meaning, excessive positivity that leads to exhaustion, and the fluidity of relationships—traits of an increasingly materialistic, technocratic, and fragmented world. These dynamics deeply affect human subjectivity, especially in Western contexts where life often lacks lasting purpose. In this scenario, Christian spirituality emerges as a path to recover human wholeness and restore a deeper sense of meaning, combining rootedness in reality with openness to the divine Mystery. This article aims to demonstrate the relevance of Christian mysticism and spirituality in contemporary times by analyzing the effects of their absence in three key areas: pastoral ministry, education, and lay engagement. The methodology adopted was a systematic literature review, with a critical analysis of classical and contemporary theological sources—especially the works of Clodovis Boff, Johann Baptist Metz—alongside biblical and doctrinal references. The results reveal the urgent need to reclaim the spiritual dimension of Christian faith as the foundation of all ecclesial action. Without such mystical depth, Christianity risks becoming merely functional and losing its transformative power. The study also highlights the importance of further research on this theme to strengthen Christian witness in the face of current challenges. It concludes that a theology grounded in lived spiritual experience is essential for the Church and its members to continue illuminating the world with Gospel values, fostering justice, compassion, and hope.

Keywords: Spirituality. Mystic. Christianity. Praxis.

Introdução

A contemporaneidade tem sido marcada por uma multiplicidade de diagnósticos sociológicos que tentam captar os traços de um tempo em profunda transformação. Anthony Giddens, já na década de 1960, propunha o conceito de “sociedade da imagética”, em referência ao predomínio das imagens sobre o discurso racional. André Le Breton avançou, mais tarde, ao falar da “sociedade somática”, centrada na experiência corporal. Zygmunt Bauman cunhou a noção de “modernidade líquida”, caracterizada por vínculos frágeis e instabilidade existencial. Mais recentemente, Byung-Chul Han descreveu o presente como a “sociedade do cansaço”, uma era de hiperprodutividade, autocobrança e esgotamento psíquico. Vivemos, portanto, em um contexto moldado pela aceleração tecnológica, pelo pragmatismo funcional, pela efemeridade das relações e pela progressiva perda de referência a uma transcendência.

O ser humano, submetido às exigências de performance e adaptação, experimenta uma dissolução dos vínculos profundos, seja com os outros, seja consigo mesmo, seja com Deus. Trata-se de uma crise antropológica que desemboca numa crise de fé — talvez o maior desafio pastoral e teológico de nosso tempo, pois trata-se também de uma crise de sentido.

Nesse cenário, a espiritualidade cristã — compreendida como experiência viva do mistério de Deus — ressurge como um eixo estruturante e alternativo à lógica fragmentária da modernidade tardia. Não se trata de um retorno ao intimismo devocional, mas da redescoberta da mística como dimensão constitutiva da existência cristã e fundamento de toda práxis pastoral, educacional, teológica e laical. Como afirmou Karl Rahner, “o cristão do século XXI será um místico ou não será” (Rahner, 1971, pg 15).

Este artigo propõe refletir sobre a urgência e a centralidade da mística e da espiritualidade cristã na contemporaneidade, analisando seus desdobramentos e implicações em três esferas fundamentais: a pastoral, a educação e o laicato. A partir de uma revisão crítica da literatura teológica — com destaque para autores como Clodovis Boff e Johann Baptist Metz —, busca-se evidenciar que sem uma espiritualidade enraizada na fé vivida, o cristianismo corre o risco de tornar-se uma estrutura inócua ou meramente sociológica.

Este estudo adota uma metodologia qualitativa baseada em revisão sistemática de literatura e análise crítica. Foram selecionadas obras teológicas e documentos do magistério eclesial com foco na espiritualidade cristã. A análise centra-se em três eixos: espiritualidade na pastoral, superando o ativismo eclesial estéril; na educação, redescobrimdo a fé como experiência formativa integral; e no laicato como fundamento de uma atuação social enraizada na vida

espiritual, considerando os desafios contemporâneos à luz de autores como Boff e Metz. A crítica à auto referencialidade (EG, n. 95) é integrada como chave hermenêutica.

Essa reflexão se propõe, portanto, não apenas a interpretar criticamente os sinais do tempo, mas a oferecer pistas teológico-pastorais para um cristianismo enraizado no essencial: a experiência de Deus que transforma a vida e fundamenta o amor ao próximo.

1 Crise contemporânea e descoberta da espiritualidade

A sociedade contemporânea se organiza predominantemente sob a lógica do lucro, guiada pelo consumismo e pela busca incessante por eficácia. Nesse cenário, o ser humano tende a ser reduzido à condição de trabalhador ou consumidor, sendo facilmente descartado quando não corresponde às exigências funcionais do sistema. Esse ambiente sociocultural produz indivíduos frequentemente materialistas, autocentrados, hedonistas e egocêntricos, mas ao mesmo tempo carentes de um sentido mais profundo para a existência.

Em meio a esse panorama, era de se esperar um distanciamento em relação às religiões e um crescimento do agnosticismo e do ateísmo. No entanto, a realidade revela outra dinâmica: a maioria das pessoas — sobretudo na América Latina — continua se identificando como religiosa. Ao mesmo tempo, observa-se o crescimento de um grupo significativo que se declara crente, mas sem vinculação institucional. Tal fenômeno evidencia uma tendência contemporânea de se apresentar como espiritualizado, embora, em muitos casos, isso se traduza na banalização dos conceitos de espiritualidade e mística.

A fragmentação subjetiva e o pragmatismo social conduzem à banalização da fé e à sua instrumentalização. Mesmo em países majoritariamente cristãos, como o Brasil, onde 84% da população ainda se declara cristã (IBGE, 2022), persiste uma dissociação entre fé e prática, refletida na emergência dos chamados ‘cristãos não praticantes’. Essa contradição revela a urgência de uma espiritualidade que devolva à fé sua densidade existencial e mística.

Historicamente, a espiritualidade cristã passou por transformações significativas: das primeiras comunidades, marcadas por uma fé experiencial, passou-se à racionalização da fé no início da modernidade, chegando à atual prevalência de uma espiritualidade emotiva e fragmentada. Segundo Boff (2017), essa confusão entre experiência emocional e experiência espiritual tem gerado a perda da visão antropológica cristã. Torna-se, portanto, imprescindível recuperar a profundidade da espiritualidade cristã em sua integralidade.

O problema aqui exposto se manifesta em diversas esferas da vida eclesial e social. Neste artigo, abordaremos especificamente três âmbitos inter-relacionados: (1) o âmbito institucional da Igreja, com destaque para os efeitos do ativismo pastoral; (2) o laicato, em sua atuação na sociedade; e (3) o campo teológico, com o clamor por uma teologia vivificada pela mística (Boff, 2017).

Todas essas dimensões são impactadas pela fragilização da espiritualidade, gerando desde a perda do sentido da fé até práticas pastorais descoladas de sua fonte originária. Em sua obra *Experiência de Deus* e outros escritos de espiritualidade, o teólogo Clodovis Boff (2017) adverte:

“Prospecta-se assim o perigo letal de a espiritualidade tomar a forma de ideologia, ou seja, de tornar-se um conjunto de ideias e práticas postas exclusivamente a serviço de uma causa preestabelecida. Quando essa causa é a política, a espiritualidade se degrada em mero instrumentum regni. (...) Mas pior ainda que o funcionalismo da espiritualidade é a

inversão do curso normal da fé, achando que é a pastoral que deve alimentar a espiritualidade. Seria como pôr o carro à frente dos bois” (BOFF, 2017, p. 47).

Os dados mais recentes corroboram o alerta de Boff. Segundo pesquisa publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo (apud Terra, 2022), 30% dos jovens entre 16 e 24 anos, nas grandes capitais brasileiras, se declaram sem religião — percentual superior ao de católicos e evangélicos declarados nessa faixa etária. Vivemos, portanto, o tempo profetizado por Karl Rahner, quando afirmou: “o cristão do século XXI será um místico, ou não será” (RAHNER, 1971, p. 15).

Diante disso, refletir sobre a importância da mística e da espiritualidade cristã na contemporaneidade mostra-se uma tarefa urgente e necessária. Para tal empreitada, este artigo dialoga com diferentes autores e tradições, com especial ênfase no pensamento de Clodovis Boff. Para o autor, a verdadeira espiritualidade se constitui a partir da tríade “encontro, autodoação e comunhão”, e deve obedecer a um iter lógico existencial: querigma, discipulado e missão — sequência que deveria orientar toda ação cristã, seja ela pastoral, educacional, teológica ou laical (BOFF, 2017).

Outro pensador fundamental neste percurso é Johann Baptist Metz. Em sua obra *Mística de olhos abertos*, ele alerta para o esvaziamento da tradição e da esperança escatológica na sociedade contemporânea: “Nosso mundo (...) está ficando sem história. A tradição está se tornando um material de crítica histórica distanciada, e o futuro, um objeto exclusivo do planejamento tecnológico” (METZ, 2013, p. 31).

É urgente, portanto, recuperar a conexão fontal que move a experiência cristã e gera as ações transformadoras ao longo da história — ações que comunicam, por meio do testemunho de vida, a luz do Evangelho a todas as pessoas, em todos os tempos e lugares.

2 MÍSTICA E ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA SOCIEDADE ATUAL

O Catecismo da Igreja Católica estabelece no parágrafo 2014 uma relação clara entre mística e espiritualidade, afirmando que “o progresso espiritual tende à união cada vez mais íntima com Cristo”. Para Clodovis Boff, a mística é definida como “a experiência do mistério de Cristo, vivida especialmente nos mistérios sacramentais e que nos dá, finalmente, acesso ao mistério supremo: a Santíssima Trindade” (2017, p.45). Assim, ela não é uma experiência restrita a contemplativos, mas deve ser vivida por todo cristão.

Essa compreensão amplia e descentraliza a noção elitista de espiritualidade, frequentemente vista como prática exclusiva de místicos afastados da realidade cotidiana. No entanto, na contemporaneidade, essa falsa dicotomia tem levado a uma pastoral marcada por ativismo desprovido de interioridade. Boff alerta que sem conexão vertical não há cristianismo; sobra apenas ativismo.

É necessário, portanto, romper com uma visão dualista da espiritualidade. Maurício Abdala (2007, n. 237, p. 9-15), em seu artigo *Espiritualidade cristã e ação histórica*, enfatiza que espiritualidade se refere ao Espírito, e este, por sua vez, abrange a totalidade da realidade humana: contemplação, oração, reflexão e ação. A cisão entre espiritual e material é, segundo ele, um equívoco antropológico e teológico.

Outro ponto importante a apresentar é a autoreferencialidade eclesial como obstáculo à missão. O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, alerta que uma Igreja autoreferencial ‘fica doente’ (EG, n. 95). Ao fechar-se sobre si mesma, ela perde a força do Evangelho e compromete sua missão. A espiritualidade, nesse sentido, não é um adereço, mas o motor da conversão missionária. Somente uma fé vivida pode gerar frutos eclesiais autênticos.

O Concílio Vaticano II, por meio do decreto *Apostolicam Actuositatem* (n. 8), convoca os leigos a atuarem na transformação do mundo, eliminando as causas dos males sociais. Para isso, é fundamental uma espiritualidade encarnada, que uma mística e compromisso histórico. Abdala resume bem essa exigência: “a verdadeira espiritualidade cristã é aquela que nos leva ao seguimento de Jesus, convertendo nossa vida também na dimensão ativa”.

A esse Espírito — o *Mysterium* que sopra onde quer — cabe-nos escutar, discernir e agir. Nele, encontramos o impulso tanto para compreender criticamente a realidade quanto para enfrentá-la, à semelhança do combate travado por Paulo (2Tm 4,7).

2.1 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA AÇÃO PASTORAL

Clodovis Boff (2017, pg. 49) afirma com clareza: “espiritualidade a serviço da pastoral é um problema”. Isso porque a espiritualidade não é um meio para fazer pastoral de forma eficaz, mas sua fonte originária. Ela é, nas palavras do autor, “a alma da nossa alma”. Quando instrumentalizada, transforma-se em mero recurso funcional, degradando-se em instrumento de eficácia, como uma cisterna artificial em vez de uma fonte viva (cf. Jo 4,14).

Boff recupera a advertência de Thomas Merton, que observa como “muitos agentes de pastoral se alienam na própria práxis a fim de evitarem o confronto consigo mesmos e com Deus” (MERTON, 1964, p. 19). O risco de uma pastoral desprovida de espiritualidade é sua secularização: torna-se uma ONG, reduzida a práticas sociais (BOFF, p. 21, 2017). A pastoral não pode ser compreendida como mera gestão de atividades. Clodovis Boff (p. 15, 2017) alerta para o risco da pastoral sem mística, reduzida a funcionalismo.

O Concílio Vaticano II, no documento *Ad Gentes* (n. 1), reafirma a natureza missionária da Igreja. Contudo, essa missão deve brotar da fé viva, e não de uma lógica exclusivamente funcional. As passagens de Mateus 22,34-40 e 25,31-46 evidenciam essa dinâmica: o amor ao próximo deve nascer da comunhão com Deus. Só uma pastoral enraizada no Espírito poderá construir o Reino de Deus.

Metz (2013, p. 68) insiste na urgência de uma “mística de olhos abertos”, voltada para a realidade e orientada pela compaixão. Essa mística nasce do encontro com a paixão e o sofrimento de Cristo, e é capaz de engendrar comunidades de esperança.

Por fim, Boff retoma o “iter” lógico da existência cristã: querigma, discipulado e missão. Assim, a pastoral não é ponto de partida, mas consequência de um encontro com Cristo Ressuscitado (cf. Jo 15,4). Toda ação cristã deve nascer de uma fé vivida, e não de estratégias ou estruturas: “se não permanecerdes em mim não podereis dar fruto” (Jo 15,4). Assim, “Cristo vivo da fé viva” alerta que sem Ele nada poderá ser feito, evidenciando a necessidade de uma profunda reflexão sobre a pastoralidade atualmente, marcado por um ativismo vazio e disforme. A ação pastoral deve brotar do encontro com Cristo vivo e ser expressão da comunhão com Ele (Boff, 2017, pg. 75).

2.2 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA EDUCAÇÃO: ALÉM DA TRANSMISSÃO DE CONTEÚDOS

A educação cristã, à luz da espiritualidade, exige mais do que transmissão de conteúdos doutrinários. Segundo Boff, a pastoral educativa deve ser “decididamente querigmática: propiciar o encontro vivo com Cristo vivo” (2017, p. 77). Sem isso, forma-se bons cidadãos, mas não cristãos maduros na fé. O autor alega que sem isso, a educação, assim como qualquer outra pastoral, não passaria de reprodução de uma moral cristã; formará bons cidadãos, mas será incapaz de “suscitar e nutrir a vida de fé e desdobrá-la em implicações práticas” (2017, p. 77). Isso explica o fenômeno de diplomas de Teologia em profusão e verdadeiras “experiências de fé” de menos.

Importante teólogo, Metz (2013, p. 215-17) argumenta que ensinar a fé não é doutrinar, mas aprender com o outro, experienciar a fé do outro para poder comunicá-la. Por isso, a educação cristã precisa de escuta e empatia, não de imposição.

Retornando a Clodovis Boff que também enfatiza o papel das universidades católicas nesse processo: é necessário promover o diálogo entre fé e razão, fé e ciência, fé e cultura (2017, p. 79). Isso exige cultivar uma espiritualidade intelectual que se manifeste no diálogo com a cultura contemporânea. Seu raciocínio é de que há uma espiritualidade própria do intelectual cristão a ser promovida nas relações com a cultura e sociedade atual. Assim a educação deve ser querigmática, proporcionando o encontro com o Mistério.

2.3 ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NO LAICATO

Com o Vaticano II, a Igreja passa a se compreender como “Povo de Deus”, superando a visão clericalista. A Igreja é povo de Deus e não uma instituição hierarquizada formada pelo clero e onde o “povo” seria mero assistente; o povo no tempo pós conciliar tem que assumir o papel de protagonista, o leigo deixa de ser passivo e passa a ser proativo. O protagonismo laical, porém, não pode ser exercido sem espiritualidade. A expressão “cristão não praticante” revela o esvaziamento dessa espiritualidade.

Segundo Boff, “a espiritualidade é o oxigênio da Igreja”. “a inversão moderna da hierarquia de valores, conferindo o primado à práxis humana sobre a fé religiosa, acarretou o primado da política sobre a mística” (VAZ, 1997, p.136-137). Com “a reviravolta moderna e consequente secularização da sociedade, não é mais o ideal de Deus que comanda, mas o ideal do ser humano e de sua ação demiúrgica” (BOFF, 2017, p. 52).

A resposta da Igreja foi o Concílio Vaticano II, cujo caráter pastoral e renovador visou dialogar com o mundo sem abdicar da doutrina. No discurso de abertura, João XXIII “colocou a decisiva distinção entre a doutrina da fé, que deve permanecer sempre intocada, e sua expressão cultural, que pode variar segundo os tempos” (BOFF, 2017, p.92-93).

Nesse sentido, o laicato deve ser formado para uma fé viva, cultivada na espiritualidade e orientada para a ação. Só assim o testemunho cristão terá coerência. Portanto, não seria a busca para entrar em comunhão com o Cristo e o amadurecimento para uma fé vivida, a fonte que deveria alimentar toda a atividade do leigo na sociedade?

Neste sentido, com o Concílio Vaticano II, o laicato assume papel ativo na missão da Igreja. Contudo, sem espiritualidade, o protagonismo leigo torna-se frágil. O/a leigo/a é chamado/a a testemunhar sua fé no mundo, a partir da vida interior. A espiritualidade é, como afirma Boff, o “oxigênio da missão”. A pergunta levantada: “não seria a experiência espiritual o fundamento da ação do leigo?” (Boff, 2017, pg. 77). A resposta é afirmativa, pois sem comunhão com Deus, não há coerência entre fé e ação.

3 TEOLOGIA À LUZ DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

A Teologia, enquanto ciência da fé, não pode prescindir da espiritualidade. Clodovis Boff critica o desequilíbrio dos documentos conciliares: apenas sete menções à espiritualidade, revelando o predomínio da fides quae (doutrina) sobre a fides qua (vivência). Esse é, segundo o autor, “o grande limite do Concílio: faltou espiritualidade e sobrou Teologia”. A Teologia precisa retornar ao seu fundamento: uma experiência vivida de Deus.

Johnn Baptista Metz (2013, p. 173), ao narrar a oração de um cético durante a guerra, diante de uma situação de vida e morte, mesmo sendo um cético, sentiu a necessidade de rezar por um soldado que estava ameaçado de morte; o autor nos leva então a refletir da validade desse ato; não seria a verdadeira oração uma ação que efetivamente tentasse reverter essa morte? A espiritualidade, nesse sentido, não é um acessório, mas o próprio solo da Teologia.

Um preceito de São Bento, tomado de São Cipriano, exorta a “nada antepor ao amor de Cristo” (Regra 4, 21; 72,11), isso vale para todo cristão e corresponde ao primeiro mandamento, vale muito mais, portanto, para os que se dedicam ao estudo de Deus. Necessita-se de uma Teologia que se volte para Deus. Já o Salmo 126/127,1 alerta de que “se o Senhor não construir a casa, em vão trabalharão os construtores”. O Evangelho de Mateus afirma como prioridade buscar primeiro o Reino de Deus e sua Justiça (Mt 6,33), a santificação e seus consequentes desdobramentos sociais. Ora, uma Teologia que pule a primeira parte e vá direto aos desdobramentos sociais ficará sem sua sustentação, será

reduzida a mera ação social. Outro teólogo, R. Guardini, escreveu “o conhecimento teológico depende da vida de fé, de oração, da conduta cristã, da santidade de vida” (1996, p. 52).

Essa tradição é partilhada por Agostinho, Boaventura, Bernardo e outros. No Oriente cristão, oração e Teologia caminham juntas. No Ocidente, Agostinho afirma: “ora para compreenderes”. Boff conclui: “sem oração pode haver Teologia culta, mas não viva” (2017, p. 145).

Clodovis afirma que Deus primeiro é sentido para, somente depois, ser pensado. O Objeto por excelência da Teologia, antes de ser um fato da razão é uma experiência a ser vivida; só quem pensa uma fé já vivenciada pode avançar na Teologia. O autor, porém, alerta que isso não significa que a Teologia deva ser feita por paixão, pois esta atrapalha e submete a inteligência, e sim, com paixão. (BOFF, 2017, p.128).

Essa via cordis representa o caminho natural de todos os grandes nomes. No Novo Testamento temos a base dessa afirmação, evidenciando de que ela é bíblica: “quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1 Jo 4, 6-7).

Mas é mesmo em Santo Tomás que a Teologia ganha uma condição de importância sem par; o Doutor Angélico afirmava a necessidade do amor e da ciência. Boff resume dessa forma o pensamento do Aquinate “conaturalizado com Deus pelo Espírito Santo através do dom da sabedoria, o teólogo pode produzir uma teologia que não seja apenas científica, mas também afetiva e, portanto, ungida e saborosa” (BOFF, 2017, p.141).

Boff (2017, p. 137) recorre a Aristóteles e Tomás de Aquino para sustentar que o conhecimento teológico exige uma conaturalidade com o objeto: Deus. Por isso, “todos os grandes teólogos viveram a unidade dialética entre conhecer e amar”. A Teologia que não nasce do amor a Deus será erudita, mas não será fecunda. Assim verifica-se a importância da relação entre a teologia e a espiritualidade. Entretanto a racionalidade teológica é abarcada pela espiritualidade não é prescindida, é parte dela.

Entretanto, a teologia deve nascer da oração e da vida de fé. Boff, Rahner, Guardini e von Balthasar sustentam que a reflexão teológica é legítima quando brota da experiência mística. O risco do racionalismo teológico é uma fé sem união. É preciso conjugar saber e amor, parafraseando Tomás de Aquino na Suma Teológica (I-II, q. 45, a. 2), “a sabedoria nasce da conaturalidade com o objeto amado”.

3.1 RACIONALIDADE TEOLÓGICA

A racionalidade na teologia é uma tentação antiga, já presente no contexto dos tempos de Jesus. Os escribas e fariseus são apresentados nos Evangelhos como figuras que conheciam profundamente a Escritura, mas que, ao mesmo tempo, resistiram à Boa Nova do Reino anunciada por Jesus. Seu apego a uma leitura legalista e racional da Lei os impediu de reconhecer a ação do Espírito. Ao longo da história, esse tipo de racionalismo se repetiu em diversas formas. Heresias surgiram de interpretações excessivamente racionais da fé, e embates teológicos — como os ocorridos entre dominicanos e franciscanos na Idade Média — revelaram tensões entre diferentes abordagens à razão e à espiritualidade.

Clodovis Boff recorda que, para São Tomás de Aquino, o estudo em si não causava incredulidade, mas podia ser ocasião para ela. Ainda assim, observa-se que a teologia escolástica, embora rica em sistematização, muitas vezes “padeceu de uma aridez espiritual decorrente de um excesso de racionalismo. O protestantismo, por sua vez, também sofreu, em grande parte, com uma teologia marcada por uma “dogmática fria e polêmica” (BOFF, 2017, p. 153).

Durante o Iluminismo, essa crise teológica se aprofundou. A teologia foi sendo cada vez mais reduzida a um exercício puramente racional, alheio à vida e à experiência espiritual. Boff observa que “a situação da teologia estava tão degradada pelo formalismo racionalista que foi objeto de irrisão de gênios como Rousseau e Goethe” (BOFF, 2017, p. 153). Mesmo no século XX, a teologia moderna — tanto em sua vertente neoescolástica quanto em muitas de suas formas acadêmicas — permaneceu refém do que Boff chama de “alienação racionalizante”.

Esse quadro começa a ser questionado por obras que propõem um reencontro entre razão e experiência espiritual. Destaca-se nesse processo o livro *Teologia e Santidade*, de Hans Urs von Balthasar, que propõe substituir uma teologia meramente reflexa por uma teologia genuflexa, ou seja, uma teologia que brota da reverência, da adoração e do amor (BOFF, 2017, p. 153). No entanto, como lamenta Boff, a teologia reflexa ainda predomina em muitos ambientes acadêmicos e eclesiais, onde o conhecimento sobre Deus não necessariamente se traduz em intimidade com Ele.

4. TEOLOGIA ESPIRITUAL E A EXPERIÊNCIA

A teologia, enquanto reflexão crítica sobre a fé, nasce da escuta e da experiência do mistério de Deus. No entanto, ao longo da história, ela oscilou entre dois polos: o da racionalidade sistemática e o da mística experiencial. O desafio contemporâneo é justamente o de articular esses dois polos em uma teologia espiritual, que seja tanto científica quanto orante, tanto crítica quanto contemplativa, tanto veritativa quanto afetiva.

Clodovis Boff defende com vigor essa articulação, ao afirmar que uma teologia espiritual não se reduz à produção acadêmica ou ao discurso teórico sobre Deus, mas se enraíza na experiência viva da fé: “não haverá teologia espiritual sem experiência espiritual” (2017, p. 157). Trata-se, portanto, de uma teologia que parte da vida, da oração, do encontro com Cristo, para então se expressar como saber.

Essa proposta encontra respaldo em outros grandes pensadores. Hans Urs von Balthasar, em sua obra *Teologia e Santidade*, sustenta que a teologia deve ser genuflexa, ou seja, uma teologia feita de joelhos, nascida da reverência, do temor amoroso, da adoração. Para ele, a teologia que não nasce da santidade corre o risco de se tornar estéril, funcionalista e desprovida de verdade espiritual.

O teólogo Karl Rahner, por sua vez, alerta que o cristão do século XXI só poderá sustentar sua fé em meio às crises modernas se for também um místico. Para ele, a experiência de Deus não é privilégio de poucos, mas o núcleo da existência cristã. O teólogo/a, nesse contexto, é aquele/a que pensa uma fé já vivida, e não o que formula conceitos frios a partir do nada. Por isso, Rahner propõe uma teologia ancorada na fides qua, a fé como ato existencial, e não apenas na fides quae, o conteúdo doutrinário da fé.

Metz (2013), ao propor uma “mística de olhos abertos”, complementa esse caminho ao lembrar que a espiritualidade não pode ser alheia ao mundo e às suas dores. A verdadeira teologia espiritual nasce da compaixão — do encontro com o sofrimento dos outros — e não de uma espiritualidade desencarnada. A mística cristã, para ele, é a memória da paixão, cruz e ressurreição de Cristo, que se faz política da compaixão.

Também na tradição patrística encontra-se forte apoio para uma teologia espiritual. Santo Agostinho, por exemplo, ensina que “é para isto que o homem deve ser inteligente: para buscar a Deus” (AGOSTINHO, 1994, p. 481). Ele compreende que o conhecimento de Deus nasce do desejo e do amor por Ele, não apenas da análise racional. Santo Tomás de Aquino, por sua vez, ao tratar da *scientia fidei*, distingue entre o conhecimento per connaturalitatem, aquele que nasce da experiência espiritual, e o conhecimento puramente racional. Para Tomás, a sabedoria é dom do Espírito Santo, e não apenas resultado do estudo.

Nesse sentido, uma teologia espiritual deve reunir algumas características fundamentais:

1. Centralidade da experiência espiritual – O ponto de partida não é o conceito, mas o encontro com Deus, vivido na oração, nos sacramentos e na vida cotidiana.
2. Unidade entre amor e conhecimento – Como ensina São Boaventura, “não se conhece verdadeiramente se não amando”. A teologia deve ser episteme e ágape.
3. Diálogo entre razão e coração – A espiritualidade cristã não rejeita a razão, mas a integra, iluminando-a com o Espírito.
4. Encarnação histórica – A teologia espiritual deve ser comprometida com a justiça, com os pobres e com os clamores da Terra, como ensina Metz. Ela é, portanto, também pastoral, ética e política.

5. Formação integral do teólogo – A biografia do teólogo importa. Metz e Jean Doré afirmam que o sujeito epistêmico da teologia deve integrar o sujeito pessoal. O teólogo deve ser não só erudito, mas orante, íntegro, apaixonado por Deus.

6. Dimensão eclesial e comunitária – A teologia espiritual não é solitária. Ela se desenvolve na escuta da Palavra em comunidade, nos clamores do povo, na vivência dos pobres. É espiritualidade eclesial, como recorda o Papa Francisco: uma fé que “se encarna na vida do povo e caminha com ele” (Evangelii Gaudium, n. 24).

Como afirma Clodovis Boff (2017), “o Objeto da Teologia, antes de ser pensado, é sentido”; é a fé viva que se torna palavra e sabedoria. O teólogo não é apenas um analista da fé, mas alguém que, a partir do encontro com Deus, oferece luz ao povo de Deus. Assim, falar de Deus deve ser sempre consequência de ter falado com Deus.

Propor uma teologia espiritual, portanto, não é reduzir a teologia à piedade, mas devolver-lhe sua inteireza: a capacidade de unir oração e ação, contemplação e compromisso, razão e compaixão. Em tempos marcados por secularização, desumanização e ativismo estéril, essa teologia aparece como sinal de esperança e autenticidade para o futuro da fé cristã.

Conclusões

Diante dos desafios da contemporaneidade, torna-se cada vez mais urgente que os cristãos, de modo geral, e os teólogos, de modo particular, reconheçam a centralidade da espiritualidade para a autenticidade da vida cristã e da própria reflexão teológica. Estamos diante de uma profunda crise de fé, de uma perda do sentido religioso, que constitui o maior desafio da Igreja de hoje. Tal crise não é apenas doutrinal ou pastoral, mas existencial: envolve a ausência de enraizamento da fé na experiência concreta com Deus.

É nesse contexto que se revela o equívoco de uma intencionalidade cristã desvinculada da fonte primeira do amor. Amar o próximo sem amar a Deus é, como ensina Karl Barth, um erro teológico de base, pois o primeiro mandamento — amar a Deus com todo o coração — constitui “o axioma fundamental da teologia”. A prática do amor incondicional, tal como proposto no Evangelho, não é possível à natureza humana por si só, mas apenas como fruto da comunhão com Deus, “para quem nada é impossível” (cf. Lc 1,37).

Refletir sobre essas questões não é um luxo acadêmico, mas uma necessidade vital. Sem uma espiritualidade enraizada na mística cristã, a Igreja corre o risco de sucumbir ao pragmatismo e ao utilitarismo típicos da lógica pós-moderna, reduzindo sua missão a índices de desempenho ou à busca por eficácia pastoral. A espiritualidade cristã, no entanto, aponta para outra direção: testemunha ao mundo, com gestos e palavras, que o que realmente importa são as relações vividas no amor — aquele amor que nos alcança por graça, porque “Deus nos amou primeiro” (1Jo 4,19).

Essa vivência espiritual, longe de ser intimista ou alienante, gera frutos de justiça, compaixão, empatia e comunhão. Como mostram Boff, Metz e Rahner, é da experiência profunda com o Mistério que brotam os verdadeiros gestos de transformação pessoal e social. Por isso, cultivar a espiritualidade é, em sua essência, um ato de resistência à lógica do descarte, à indiferença e ao individualismo dominante. A Igreja, ao evitar a autoreferencialidade e reencontrar sua fonte no amor de Deus, poderá continuar sendo luz no mundo. A mística cristã, vivida na oração, na compaixão e na missão, é o verdadeiro alicerce da práxis eclesial.

Em síntese, a práxis cristã não pode ser compreendida nem sustentada sem uma experiência viva de Deus. A Teologia — aquela que é, simultaneamente, veritativa e afetiva — nasce da fé encarnada, do amor que se traduz em compromisso, da oração que se faz escuta. Eis a dinâmica que denominamos *mística* ou *espiritualidade cristã*: fundamento e horizonte da missão da Igreja e da vida de todo cristão.

Referências

- ABDALA, Maurício. *Espiritualidade cristã e ação histórica*. Revista IHU Online, n. 237, p. 9-15, 2007.
- AGOSTINHO. A Trindade. São Paulo: Paulus, 1994.
- AGOSTINHO, Santo. *De Trinitate*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo. *O Livre-Arbítrio*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Editora Zahar, 2021.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2002.
- BOFF, Clodovis. *Experiência de Deus e Outros Escritos de Espiritualidade*. São Paulo: Editora Paulus, 2017.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Ed. Típica Vaticana. Editora Loyola, 2010
- DISCURSO DO PAPA BENTO XVI À PLENÁRIA DA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20120127_dottrina-fede.html. Acesso em 28/08/2024.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Editora Paulus, 1997.
- GUARDINI, Romano. *Introdução à oração*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GUARDINI, Romano. *O sentido da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2002.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 jul. 2025.
- Acesso em: 15 maio 2025.
- LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de Filosofia III: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MERTON, Thomas. *Vida e santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- METZ, Johann Baptist. *Mística de Olhos Abertos*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.
- PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- RAHNER, Karl. "Christian Living Formerly and Today," *Theological Investigations VII*, trans. David Bourke, Herder and Herder, 1971.
- TERRA. *Jovens sem religião superam católicos e evangélicos nas capitais*. Portal Terra, 09 maio 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br>. Acesso em: 15 maio 2025.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Trad. Alexandre Corrêa. São Paulo: Loyola, 2001
- VAZ, Lima. *Ética e civilização*. Síntese Nova Fase. Belo Horizonte, 1990.
- VIDA PASTORAL. *Espiritualidade Cristã e Ação Histórica*. Disponível em: www.vidapastoral.com.br/artigos/espiritualidade/espiritualidade-crista-e-acao-historica/. Acesso em: 27 de agosto, 2022.
- VON BALTHASAR, Hans Urs. *Teologia e santidade*. São Paulo: Loyola, 1990.

[Para legislação] JURISDIÇÃO (país, estado ou município). Órgão judiciário competente (se houver). Título e número da legislação. Dados da fonte na qual foi publicado o documento.
